

Título: Como a mulher é vista

Socan, psicanalista, em "Ecrits" de 1966 afirmou: "A mulher não existe". A criticada frase evidencia que, na ordem simbólica não há representação da mulher. Se não é homem, não é nada. A ordem dominante que determina qual papel vai exercer, consequentemente determinando qual mãe vai, esse que não importa pois não é realizado pela ordem majoritária. Assim a função feminina é, de forma atemporal, vaga, abrangente e mutável.

O papel da mulher esteve em pauta por anos, que com a acentuação de movimentos sociais, com foco nas ondas feministas que atenuaram as delimitações impostas permitindo que o leque de possibilidades para mulheres ocuparem como individuais se alargasse. No Brasil, um evento que decorreu do movimento populista, em 1934 foi o voto feminino junto a outros grupos minoritários, desde então a mulher pode exercer o papel de cidadã.

É pertinente pontuar que o papel exercido e o individual não se equivalem. Existem papéis, sistematicamente articulados à mulheres, esses aderem de resquícios de uma época com grande predominância do masculino e da igreja, mais que no contemporâneo. Ao serem presumidos, versam o indivíduo à expectativa relacionada a função, papéis como mães, empregadas, cozinheiras, professoras, esposas, ou cuidadoras do lar.

A luta social conquistou o direito de exercer papéis não pré-determinados previsto na legislação, como o direito de trabalhar. Assegurando que a sociedade evoluía no comportamento de massas. Portanto não há, hoje, um papel determinado, a mulher pode exercer qualquer um deles, com a afirmação de Socan persistindo, tornando a contribuição da sociedade mais complexa e diversa.